

A outra metade

AS JOVENS NOS GANGUES

As jovens e mulheres são colaboradoras empenhadas e membros de gangues. Elas são vítimas, testemunhas e perpetradoras de violência. Este capítulo analisa um novo corpo documental internacional que lança luz sobre os papéis desempenhados por as jovens e mulheres tanto em gangues como em grupos armados.

Seus números e papéis. As estimativas acerca do número de membros do sexo feminino entre a população dos gangues varia imenso. Dados de levantamentos nacionais recentes dos Estados Unidos e do Reino Unido indicam que, respectivamente, 25 e 50 por cento dos membros de gangues são do sexo feminino, enquanto que o número da polícia dos Estados Unidos apresenta uma cifra de 7 por cento. Uma estimativa mais conservadora da totalidade da população feminina dos gangues é entre 132.000 e 666.000.

Ambos os sexos juntam-se a gangues para se protegerem de famílias violentas ou de outros jovens.

O envolvimento das jovens em gangues e em violência já existe há muito tempo. Os relatórios do início do século 20 concentravam-se na descrição da sexualidade e da promiscuidade das jovens e em caracterizá-las como meras ajudantes dos gangues masculinos. Avaliações mais cuidadosas das experiências de membros de gangues do sexo feminino só começaram a ter um lugar de destaque nos anos 80 e 90, especialmente nos Estados Unidos, mas com uma tendência de crescimento em outros países. Hoje em dia, a maior parte dos membros do sexo feminino faz parte de gangues mistos nos quais domina o sexo masculino.



Presidiárias, membros do gangue Mara 18, fazem sinais de gangue enquanto insultam membros de gangue rival, São Salvador, Maio de 2004.
© Luis Romero /AP Photo

Tal como acontece com os grupos armados, a natureza dos gangues e os seus objectivos variam imenso de um lugar para outro. Em todo o mundo as jovens e mulheres actuam como combatentes, colaboradoras, e como mulheres, namoradas ou dependentes. Tanto em gangues como em grupos, as jovens e mulheres lutam, espiam e transportam armas e mensagens.

A motivação para adesão. Uma série complexa de factores determina a razão pela qual as jovens entram em gangues, tal como acontece com os rapazes. Ambos os sexos aderem a gangues pela ‘protecção’ contra o abuso pelas famílias ou a violência de outros jovens. Estudos quantitativos mais pequenos indicam que a violência na família é um importante factor de motivação para as jovens entrarem para gangues, possivelmente ainda mais importante que para os rapazes. A etnia, a raça e a cultura, afectam o modo como as jovens definem a sua própria sexualidade, incluindo noções de pureza, lealdade e autonomia, que, por sua vez, determinam a sua noção de ‘feminilidade’ em busca de “respeito”. A participação num gangue pode fortalecê-las para resistirem às expectativas dos papéis tradicionais de géneros, ao mesmo tempo que lhes fornece protecção e um refúgio contra a violência e a opressão vividos em casa. No entanto, ao mesmo tempo, os gangues e os grupos armados tendem a expor as jovens a elevados riscos de violência, aumentando ainda mais a sua marginalização social.

A Violência. Apesar de a maioria das vítimas de violência armada serem membros de gangues do sexo masculino, as jovens e as mulheres parecem ser mais propensas a sofrer de abuso sexual, tanto dentro das gangues como em casa. A exploração sexual das jovens dentro da estrutura dos gangues tem recebido a especial atenção de pesquisadores e dos meios de comunicação de massas, levando a uma categorização das jovens em dois grupos: o daquelas que são ‘tão fortes quanto os rapazes’ e que lutam para se defenderem e o daquelas que são exploradas sexualmente, algumas vezes como premissa para serem iniciadas no grupo.

Embora possam fazê-lo com bem menos frequência do que os homens, as mulheres em todo o mundo têm usado a agressão e a brutalidade em situações de conflito e de não-conflito durante toda a história. Muitas vezes trata-se do resultado de uma violenta vitimização. As mulheres entram para gangues ou grupos e perpetram a violência para garantir que as pessoas não as desrespeitem (ou à sua família) e para sinalizar que elas podem defender-se sozinhas.

O uso de violência pela mulher no contexto de um gangue – e de forma geral – continua a ser pouco conhecida. Independentemente do que as manchetes de jornais possam sugerir, as jovens e as mulheres tendem a usar armas e a envolver-se em actos de violência com menos frequência e com menos intensidade do que seus equivalentes masculinos. Em vez de armas de fogo, elas optam muitas vezes por facas, pedras e outras armas. Em geral, o interesse público e profissional sobre a violência feminina parece ser mais indicativo de uma ansiedade cultural sobre as mudanças das normas sociais do que sobre qualquer mudança significativa no comportamento feminino.

A mistura de sexos pode ser uma boa motivação para um envolvimento dos gangues em actos de violência. As evidências indicam que as jovens que fazem parte de um gang composto na sua maioria ou exclusivamente por elementos do sexo feminino podem envolver-se menos em actos de violência do que os membros que fazem parte de gangues mistos ou dos compostos na sua maioria ou exclusivamente por elementos do sexo masculino.

O caminho a seguir. A pesquisa sobre gangues femininos estagnou após uma grande abundância de estudos realizados no início dos anos 90. O ponto de partida para um programa de pesquisas envolveria a realização de estudos mais multifacetados, que gerariam dados comparáveis e generalizáveis. Esta área pode também beneficiar se de uma interacção com a dos “grupos armados” porque, tal como demonstra este capítulo, há um grande paralelismo entre as motivações que levam as mulheres a entrar para estes grupos, o tipo de papéis que desempenham e os riscos que correm. Certos temas podem ser relevantes tanto para os contextos dos gangues como para os dos grupos, por exemplo, o papel da mistura de sexos na previsão do risco de vitimização das jovens. Se este vínculo causal puder ser estabelecido, ele reforçaria a necessidade de um levantamento sistemático de dados relativos à mistura de sexos como característica chave de um gangue ou grupo.

Os programas que vêem as jovens e mulheres apenas como vítimas podem involuntariamente reforçar a passividade.

Os programas para as jovens ainda são bastante insuficientes e raramente são baseados nas evidências. Apesar do grande número de pesquisas sobre a actuação e violência feminina em gangues, muitas questões práticas continuam sem resposta. É necessário pesquisar muito mais para se compreender porque as mulheres se ligam aos gangues e se envolvem em violência e para orientar abordagens sensíveis ao género para prevenir e dar resposta ao problema. As evidências disponíveis apontam claramente para a necessidade de programas que reconheçam e vulnerabilidade específica das jovens enquanto estão a desenvolver a sua resistência. ■